

LUIZ DELFINO

QUINZE DE NOVEMBRO DE OITENTA E NOVE

A' America

CERC

Biblioteca Central - UFSC

Nº 169.580-1

Data 24 / 06 / 88

AVISO DO EDITOR

Podemos obter do grande poeta brasileiro, nascido na capital do Estado de Santa Catharina, o consentimento para ir publicando um a um os seus hymnos de liberdade, que commecam no *Grito de Guerra*, dedicado á Italia, e continuam até este canto triumphal.

O soberbo improviso tem a nota vibrante, metallica, ruidosa e mascula que faz vibrar a alma popular na *Marselhesa*.

O pensador tambem não o ouve indifferente: a mais alta philosophia e a mais arrojada aspiração moderna incrustam-se nas suas estrophes.

Quando, calma e sem paixões, a critica da historia julga-o no futuro, encontrará nelle um dos espiritos mais ousados destes tempos, e um dos videntes do acto de 15 de Novembro, para o qual como poeta poucos terão concorrido com tanto enthusiasmo e com tão longa firmeza de convicções.

E' com homens de sua estatura que o Brasil se hade reconstruir, é com elles que hade persistir no caminho de assombros com que faz pasmar o mundo.

G. DE ARAUJO

DE REC
269.0 (P16.4)
10349_a

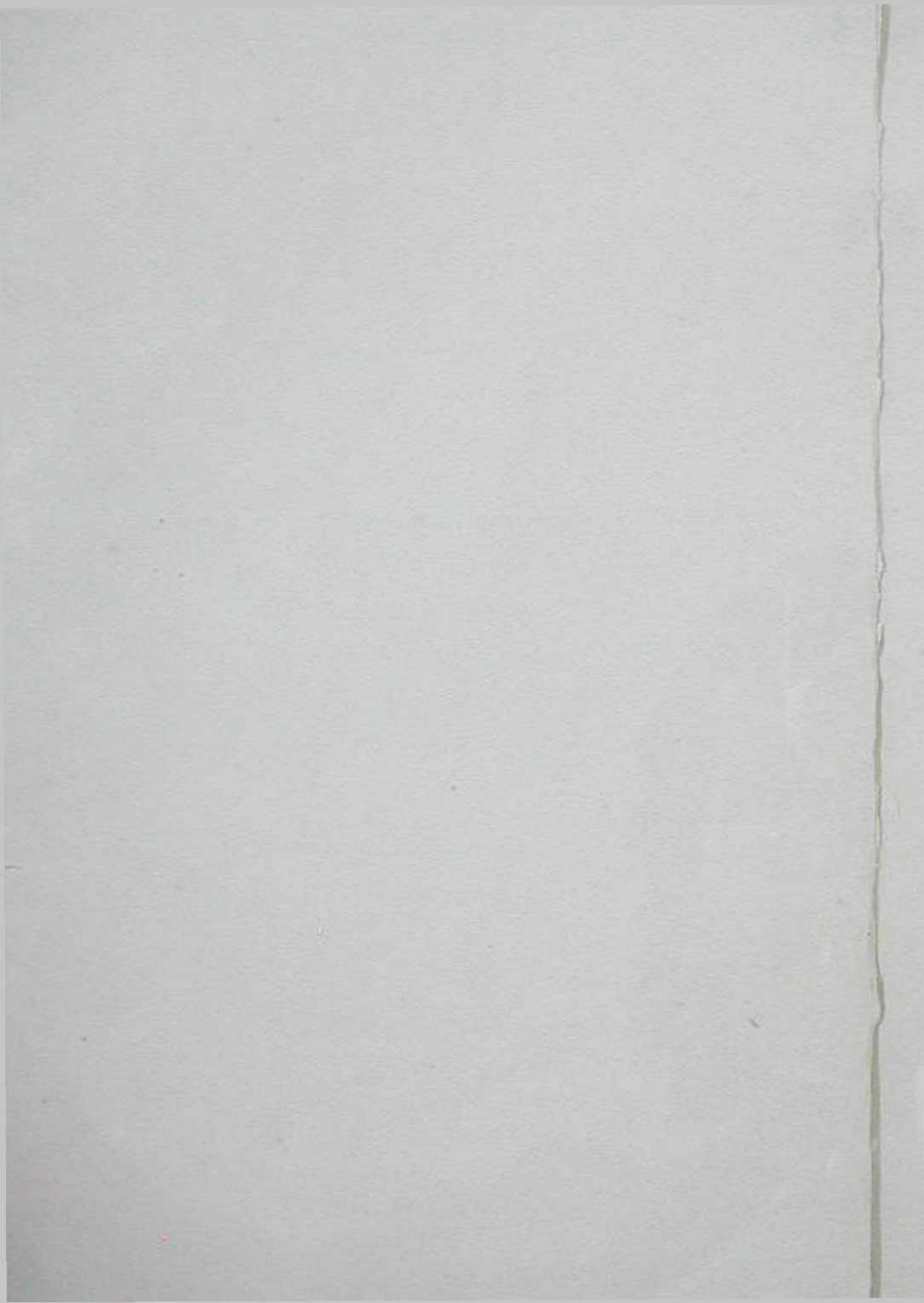
U. F. S. C.
BIBLIOTECA CENTRAL
Reg. n.º 73
2910-74

504
Hao

SC-00002608-6

U. F. S. C.
BIBLIOTECA CENTRAL
Reg. n.º _____

QUINZE DE NOVEMBRO DE OITENTA E NOVE



A' AMERICA

O BRASIL NOVO

Livre enfim dos seus ultimos ferros,
Das cadeias mais vis desatado,
Calmo, forte, invencivel, ao lado
Dos irmãos desta America o vês :
Livre, em pé, ante o mar menos livre,
Não lhe enturva a vergonha o semblante,
De ter elle— tão grande e possante —
Um senhor, que o avassalla, em seus reis.

Levantado em seus montes, e serras,
Do aureo plintho de folha e granito,
A aguia branca, que roça o infinito,
Vê subir; e ellê inveja não tem :
Rubra aurora, que o cinge, e o encontrava,
Hirta a fronte, empanada de pejo,
Sente, que hoje, imprimindo-lhe um beijo,
Beija a fronte de um livre tambem.

Já não mancha esta America vasta,
 O Brasil, vasto, enorme colosso,
 Aço rude de escravo ao pescoço,
 No olhar largo de um deus o pezar :
 O farrapo de tréva deixado,
 Pelo tempo já ido, em seu dorso,
 N'um momento, n'um ultimo esforço,
 Sacudiu em mil voltas no ar.

Renascemos p'ra America livre :
 Viva a America livre e sem peias :
 Fundam todos as velhas cadeias,
 Peso ignobil na nossa cerviz :
 Tudo á forja ; renove-se tudo,
 Da cidade ao recesso da matta,
 Desde as cristas dos Andes ao Prata ;
 Arda em luz toda nova o Paiz.

Liberdade, ó gentil foragida,
 Deusa austera entre as deusas austeras,
 Tu chegaste, e contigo outras éras,
 Outros sóes, outros céus mais azues :
 Ha no ambiente uns aromas mais novos,
 Bater d'azas á borda dos ninhos...
 Listrões d'oiro bordando os caminhos :
 Luz, mais luz... muita luz... muita luz...

Ha rosaes pelas bocas sangrentas
De suas rosas cantando perfumes...
Dansa louca de estrellas e numes,
Dansa louca de ondinas e sóes...
Canta, envolto nas algas e espumas,
O hombro nú, verde, um pouco de fóra,
Mesmo o oceano, que ri e que chora,
Chora e ri, junto á praia, entre nós.

Astros d'ouro, estrellados abysmos,
Reis e deuses, é livre, quem pensa,
E não tem outra fé, outra crença,
Outro amor, e esperança não têm,
Que não seja esta luta perenne,
Contra vós fatalmente levada :
Deus, és tu, Liberdade, e mais nada :—
Céu, és tu, ó conquista do Bem.

Viva a America livre entre os povos,
Livre e só entre os mais continentes :
Honra e gloria ao immortal Tiradentes ;
O patibulo hoje é o seu pedestal :
Honra e gloria aos soldados da patria ;
Honra e gloria a este povo sublime,
Que dos reis, que dos vis se redime,
Calmo ainda na ebriez triumphal.

Oh! Romano, a virtude é só nome?
Tu negando-a, affirmaste a virtude:
Dás na acção, e na doce attitude,
Brasil livre, e senhor dos teus reis,
Um exemplo inda novo, e não visto:
Esta terra, esta gente, este raça
Arroubada a este sópro, que passa,
Ser o espanto do Tempo vereis.

Esta grande conquista foi nossa...
Nossa emfim: nenhum rei nol-a tira:
Nem o poeta a renega na lyra,
Nem a historia ha de, infame, a negar:
Fomos nós, que esta patria avivámos:
Fomos nós, que a fizemos de novo:
Gloria! Gloria á conquista do povo,
Que rompeu a prisão secular.

Maldição sobre as fronte vergadas,
Sobre as mãos estendidas, buscando
Vida, sangue em cadaveres, quando
Tudo é grande— olha em torno e verás:
Tudo é grande, e cascalham risadas,
Que andam rindo já dentro da historia,
Que recolhe este dia de gloria,
Obra nossa, e de avós, e de pais...

Rei? Não mais: não queremos; não vinga
Entre nós essa raça maldita,
Que só crê, pensa, e sonha, e medita,
Ter no povo, que a soffre, uma grey;
Planta exótica e má d'outras zonas,
D'outros céus, d'outros sóes, d'outra esphera,....
Quem de um rei senão ferros espera?
Bastou já: não queremos mais rei.

Que é um rei?— E' um idolo apenas,
Que a ambição e a ignorancia levanta,
A que o bravo não dobra uma planta,
Baixo culto dos tímidos só:
Vulto erguido no meio dos póvos,
Como a syrte nos mares deitada,
Onde a vaga, que a toca, esmagada,
Não é mais vaga, é uma nuvem de pó.

Sabeis vós, pobres póvos incautos?
Antes que um grande povo appareça,
E o homem possa erguer alto a cabeça,
Possa ver d'alto auroras e sóes,
Quanto ferro batido no ferro,
Quanto sangue innocente esgotou-se;
Como flôres cahidas á fouce,
Quantas frentes cahiram de heróes!

Não queremos mais rei, o mais sabio,
 O mais justo, o mais forte, o mais casto :
 Salomão com juizo tão vasto,
 Com leis nóvas um nôvo Moisés :
 Mesmo Deus, que outra vez se lembrasse
 De ser rei, e entre estrellas surgisse,
 Bello, grande, amor todo, e meiguice,
 Não golpeadas as mãos, nem os pés.

Não— Ninguém tente a empreza arriscada
 De irritar o Leão generoso :
 Ninguém tome o seu calmo repouso,
 Como falta de audacia : olhai bem :
 Pôr-lhe um rei hoje ao alcance das garras !...
 Dize ao raio, buscando-te, espera :
 Passa illéso atravez da cratera :
 Mas não tente esse crime ninguém !

Norte e Sul n'um amplexo eviterno,
 N'um delirio de crença e igualdade,
 Jurem todos por ti, Liberdade,
 Jurem todos viver ou morrer :
 E se um dia, no campo da luta
 Alguem ouse atacal-o, cobarde !
 Saiba o culto, que n'alma nos arde,
 Sinta, como é cumprido um dever.

Brasileiros, guardemos unidos
O torrão desta patria querida :
Dêmos tudo que é seu, alma e vida;
Tudo á patria é preciso entregar :
Tudo é della : a ella tudo devemos :
Esta patria hoje é nossa de todo :
Arrancou-se este escriptorio do lodo,
Arrancou-se esta perola ao mar.

Velhos reis medievaes, velhas raças,
Entre aneio, entre susto, entre pasmo,
O Brasil, com seu calmo entusiasmo,
Grande assim, não podieis suppor :
Vistes, forte, explosir de improviso
Quem vós crieis tão baixo e tão nullo!...
Assim rompe de negro casulo
Flôr aerea de esplendida côr.

Assim rompe uma estrella a Colombo,
Outros sóes se constellam no espaço,
E d'entre algas, coráes, e sargaço,
Outro mundo apparece a Cabral ;
Assim surge essa nova bandeira
De repente por terras e mares...
Dize aos povos, por onde passares,
Que és de um povo já livre o phanal.

Levas tu uma nesga vermelha,
 Que recorde o ser livre, o que custa?
 Muito sangue, que a raça robusta
 Deu á terra, e que á terra ha de dar :
 Preito ao sangue de heróes deslembrados,
 Nos calvarios das forcas trepando :
 E' assim, pavilhão venerando,
 Que ir tu debes por terra e por mar.

E's a paz, ó bandeira da patria?
 E's a paz:— mas a paz aconselha,
 Que o clarão dessa auróra vermelha
 Deve em todos os céus resplender :
 Mostras nelle a lembrança do sangue,
 Que, se agora não foi derramado,
 Rios delle ha comtudo custado :
 E ainda ha sangue, inda ha sangue a perder!..

Que cadeias nos cercam, que fios
 Invisiveis, como hera selvagem,
 Que entre fendas buscando passagem
 Muros prende, que em torno abrangeu :
 Que heras doidas envolve/nossa alma! /
 Somos livres, mas fomos escravos :
 E inda temos as pontas dos cravos
 Que pregaram em cruz Prometheu.

E inda resta essa velha attitude
D'alma humana esmagada e vencida :
Triste sim!, Liberdade querida,
Largo tempo esse gέsto has de ver :
Bate á malho Canōva o Carrara,
Berrecil bate a prata á martello ;
Cada golpe é o vagido do bello ;
N'alma humana é preciso bater.

E a alma humana desperta e festeja
Seu primeiro triumpho ; ella sente
Ser levada por nova torrente,
Haustos sorve de vida auroral :
Tem a terra ante si dilatada,
Tem o céo brasileiro o mais puro...
Como é grande o seu grande futuro,
Liberdade, ao teu grande ideal!..

Furacões de jasmins e açucenas,
Céus, que arranco dos céus aos pedaços,
Sóes inquietos, que prendo em meus braços,
Igneas rosas, cecens da manhã,
Veigas d'oiro em retalhos trazendo
Rios d'oiro em dous dedos de matta...
O meu hymno isto tudo desata
A teus pés, patria minha louçã

Sim! é livre o Brasil!... E ainda hontem
Libertado do escravo, se ouvia
Louco brado de louca alegria
Soar no mundo:— essa nodoa era vil,
Larga, extensa, profunda, horrorosa!...
A dos reis, mais hedionda, restava!
Bravo á terra não delles escrava!...
Bravo! Bravo!... Está livre o Brasil.—

LUIZ DELFINO.



D. F. S. C.
BIBLIOTECA CENTRAL